

Pesquisa: "MERCOSUL: Base de Dados da Integração Agrícola e Agroindustrial"

**DIAGNÓSTICO DO SETOR DE ARMAZENAGEM
FRIGORIFICADA**

ABIAF

**São Paulo
Out/91**



PRESIDENTE

Antonio Nilson Craveiro Holanda

DIRETOR EXECUTIVO

Pérsio Marco Antônio Davison

DIRETORA DO PROJETO PNUD/BRA/91/014

Adelina Teixeira Baêna Paiva

Pesquisa - "MERCOSUL: Base de Dados da Integração Agrícola e Agroindustrial"

Coordenação

Enid Rocha Andrade da Silva

O Projeto PNUD/BRA/91/014 "Apoio ao Desenvolvimento de Pesquisas em Política Agrícola" é financiado com recursos do empréstimo do Banco Mundial (2727-BR-Parte C) que tem como órgão gestor o Ministério da Fazenda, através da Comissão Técnica do Empréstimo 2727-BR e como órgão executor o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD.

Histórico:

Em 1970 o país dispunha de uma rede de armazéns frigoríficos de uso público com capacidade de 100.000 m³, aproximadamente. 70% das instalações pertenciam ao Estado que, cobrando tarifas abaixo dos níveis ideais, inibiram o crescimento do setor e a ampliação da participação da iniciativa privada.

Uma grande crise de falta de espaço para a armazenagem de produtos para consumo ocorrida entre 1970 e 1973, deflagrou um processo em que o Estado ampliou sua rede e financiou a iniciativa privada que se dispôs a investir na área.

Em 1990 a capacidade da rede do país havia crescido para quase 2.000.000 m³ sendo acima de 71% a participação do setor privado na atividade.

As novas instalações construídas no período aportaram uma tecnologia igual à dos países mais adiantados, capacitando-se a operação com produtos destinados aos mercados mais exigentes e sofisticados. A indústria forneceu o apoio indispensável ao crescimento das exportações de pescado, suco de laranja, frangos, carne bovina e, mais recentemente, sucos de frutas tropicais, frutas "in natura", polpas de frutas, concentrado de café, dentre outros produtos. No mercado interno a indústria estabeleceu uma rede que tornou possível a disseminação do consumo do alimento congelado e a ampliação das vendas de alimentos resfriados no país.

Até o início dos anos 80 a tecnologia utilizada pela indústria era igual à dos países mais desenvolvidos, começando a defasar, desde então. Começaram também a se tornar escassos os créditos adequados a esse tipo de indústria, inibindo o seu crescimento para novas fronteiras. As instalações pertencentes ao estado tornavam-se, em grande medida, não competitivas e a falta de estímulo, as frequentes mudanças na política econômica e a diminuição do consumo interno afetaram significativamente o setor nos últimos anos. Encontra-se hoje descapitalizado, com utilização relativamente reduzida. A ocupação média anual passou de cerca de 80% em 1980 para 50% em 1991. Se os níveis de consumo de produtos frigoríficos e as exportações retornassem aos níveis dos anos 80, a capacidade instalada da indústria atenderia apenas a cerca de 80% da demanda.



Deficiências do Setor

Além dos problemas relativos ao processo recessivo, já referido, o setor enfrenta hoje os seguintes pontos de deficiências, para tornar-se mais eficiente operacionalmente, fornecendo maior, melhor e mais barato apoio a agricultura, ao abastecimento e as exportações e importações:

1- O "elevado custo" do crescimento em novas unidades e na expansão das unidades atuais é um dos fatores impeditivos da ampliação da rede de armazéns frigoríficos que apresenta muitas deficiências em várias áreas do Território Nacional, notadamente no Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Em reunião promovida pela ABIAF e a Associação Internacional - IARW - em São Paulo em 1987, entre empresários norte americanos, europeus e brasileiros, verificou-se que, à época, uma instalação construída no país, uma instalação nova, custaria US\$ 200,00/220,00 por m³ instalado no Brasil, comparado com US\$ 90,00 a US\$ 110,00 por m³ na Europa e Estados Unidos.

Em 1990 a comparação com países Europeus revelou cerca de US\$ 150,00 na Europa e US\$ 250,00, no Brasil.

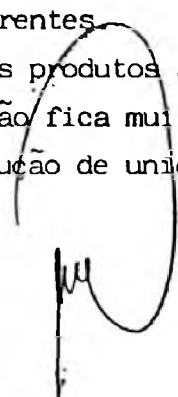
O custo do capital é um dos maiores custos da armazenagem frigorificada (entre 40% e 60%) o que implica em que no nosso país, cuja renda per-capita é substancialmente inferior à dos países mais desenvolvidos, a população é penalizada com um custo de armazenagem dos seus alimentos muito superior ao daquelas regiões.

Na nossa avaliação, os grandes ônus desses investimentos, são:

- 1- Custo do capital
- 2- Carga tributária (Recentemente reduzida em alguns itens pelo IPI)
- 3- Elevado custo de produção dos equipamentos e construção civil.

Somente com a redução desses custos a indústria terá condições de expandir-se e dar suporte a agricultura, distribuição de alimentos e exportação em vastas regiões do território Nacional que ainda são carentes.

Da mesma forma, a capacidade de manter a "qualidade dos produtos agrícolas" e "demais alimentos" para o consumo interno e exportação fica muito prejudicada pela inviabilidade de melhorias técnicas e construção de unidades mais modernas.



- 2- O "tratamento creditício" errôneo para os investimentos em nossa área, é fator inibidor da expansão da rede. A implantação de novas unidades em novas áreas fica prejudicada pelos curtos prazos de amortização e carência dos financiamentos, ao contrário do que ocorria no passado. Então, a armazenagem frigorificada era considerada uma agro-indústria. A sua implantação deve preceder o aumento da produção de alimentos perecíveis.
- 3- Após o início dos anos 80, a indústria de armazenagem parou de "evoluir tecnologicamente". A tecnologia adquirida pelo país não foi desenvolvida ficando a indústria estagnada na década de 80. Não obstante, ocorreu grande evolução em outros países o que levou a tecnologia a desenvolver unidades que não são mais estaticamente armazenadoras, como antes, mas que tem uma dinâmica participação nos processos de transporte e distribuição. Ou seja, os estoques passaram a ter um "giro" muito mais rápido e os usuários requerem novos serviços.

As modificações ocorridas em outros países promoveram alterações da concepção de "lay outs", novos e mais eficientes materiais e equipamentos resultando em custos operacionais menores, inclusive, no consumo de energia elétrica. As novas instalações incorporaram também inovações na área de informática (sistemas de controles operacionais, gerenciamento de uso de energia) e equipamentos diversos com novos desenhos e materiais. O nosso país ainda não assistiu a essa evolução.

Não foi por outra razão que a ABIAF, em conjunto com outras entidades, fundou o IBF - Instituto Brasileiro do Frio através do qual pretende acompanhar aquele desenvolvimento tecnológico.

O país necessita apoiar o trabalho do IBF e promover, por todos os meios:

- Melhoria da engenharia das instalações
- Melhoria dos equipamentos e materiais,

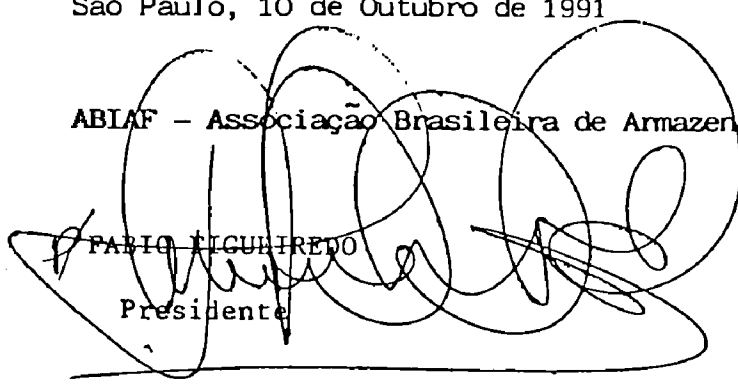
e sobretudo:

- Melhorar o nível técnico de engenheiros projetistas
 - Melhorar o nível técnico de engenheiros de manutenção e operação
 - Ampliar consideravelmente a formação de pessoal técnico de nível médio, nas áreas de operação e manutenção das instalações.
- 

4- Com algum esforço naquelas áreas podemos voltar a "exportar" peças, equipamentos, instalações completas e "Know how" operacional, como fizemos no passado com a América do Sul (Argentina, Uruguay, Peru, Bolívia, Venezuela) e África (Nigéria, Angola).

São Paulo, 10 de Outubro de 1991

ABIAF - Associação Brasileira de Armazenagem Frigorificada



FABIO FIGUEIREDO

Presidente